

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TURISMO RELIGIOSO CATÓLICO E O
PERFIL DOS SEUS PARTICIPANTES EM DOIS ESPAÇOS NO
ESTADO DE SERGIPE/BRASIL

*CONSIDERATIONS ABOUT THE CATHOLIC RELIGIOUS TOURISM
AND THE PROFILE OF PARTICIPANTS IN TWO SPACES OF STATE IN
SERGIPE / BRAZIL*

*CONSIDERACIONES ACERCA DEL TURISMO RELIGIOSO CATÓLICO
Y EL PERFIL DE LOS PARTICIPANTES EN DOS ESPACIOS EN EL
ESTADO DE SERGIPE/BRASIL*

Ivan Rêgo Aragão

Mestrando em Cultura e Turismo
Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC – Ilhéus/BA
Av. Francisco Porto, 239 Ed. Villa D'oro, Ap. 902 – Salgado Filho
49020-120 Aracaju-SE
E-mail: ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Janete Ruiz de Macedo

Professora Titular Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC
Campus Prof. Soane Nazaré de Andrade, Pavilhão Pedro Calmon, 2º andar. Rodovia Ilhéus-Itabuna, km
16, s/n, Salobrinho. CEP: 45.662-000 Ilhéus – Bahia
E-mail: janetermacedo@yahoo.com.br

Resumo

Partindo do recorte dos dois maiores centros festivos de romaria no estado pelo número de partícipes: São Cristóvão e Divina Pastora. O presente artigo visa mostrar o que foi constatado sobre os aspectos do turismo religioso em Sergipe. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com o aporte teórico sobre turismo e turismo religioso, religiosidade popular, identidade, cultura, espaço, sagrado e profano, festa e procissão, embasada pela pesquisa de campo. Com o estudo ficou constatado que, o perfil na demanda de pessoas que se deslocam para essas duas localidades, é caracterizado muito mais pela dor/sofrimento, no pedido ou agradecimento por uma graça/cura, do que pelo prazer em viajar.

Palavras-chave: Turismo Religioso. Espaço Sagrado/Profano. Nosso Senhor dos Passos. Nossa Senhora Divina Pastora.

Abstract

From the cut of the two major centers of pilgrimage party in the state by the number of

participants: *São Cristóvão* and *Divina Pastora*. This article aims to show what was found on those aspects of religious tourism in Sergipe. The methodology used was literature with the theoretical contribution of tourism and religious tourism, popular religiosity, identity, culture, space, sacred and profane, party and procession, backed up by field research. With the study was found that the demand profile of people moving to these two villages, is characterized by much pain/suffering, in the request or thanksgiving for a grace/cure, than the pleasure of traveling.

Keywords: Religious Tourism. Space Sacred/Profane. *Nosso Senhor dos Passos*. *Nossa Senhora Divina Pastora*.

Resumen

Partindo de un análisis de los dos principales centros de peregrinación del estado por el número de participantes: *São Cristóvão* y *Divina Pastora*. En este artículo pretende mostrar lo que se encontró sobre los aspectos del turismo religioso en Sergipe. La metodología utilizada fue la literatura con el aporte teórico del turismo y turismo religioso, religiosidad popular, identidad, cultura, espacio, sagrado y profano, fiesta y procesión, respaldada por la investigación de campo. Con el estudio se encontró que el perfil de la demanda de personas que se desplazan a estos dos ciudades, se caracteriza mucho más por un dolor/sufrimiento, en la solicitud de una gracia/cura, que el placer para viajar.

Palabras clave: Turismo Religioso. Espacio Sagrado/Profano. Nuestro Señor de los Pasos. La Virgen Divina Pastora.

Introdução

Pesquisas¹ apontam que no Brasil o turismo religioso está em franco crescimento. Esse tipo de segmento se fortalece, na medida em que como país com grande tradição multireligiosa existe sobremaneira uma demanda para o desenvolvimento dessa prática. De acordo com Andrade (2002, p. 79), depois do turismo de férias e de negócios, o segmento que mais está se desenvolvendo é o turismo religioso, visto que, “[...] além dos aspectos místicos e dogmáticos - as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades”.

É cada vez maior o número de pessoas que buscam na religião conforto para suas angústias e paz interior como meio de preenchimento espiritual. Segundo dados do Brasil no ano de 2000, o turismo religioso de tradição católica (foco do artigo), criava um fluxo de aproximadamente 15 milhões de pessoas ao longo do ano nas diversas

¹ Andrade (2002), Brasil (2000, 2008), Dias (2003), Maio (2006), Oliveira (2004).

regiões do território nacional. Era 10% da população se movendo pelo território nacional atraída por aspectos espirituais, pelo pedido de graças e agradecimento pela intercessão do seu santo de devoção. A Empresa Brasileira de Turismo em parceria com a Arquidiocese do Rio de Janeiro criou o catálogo denominado “Roteiros da Fé Católica” mostrando as datas das principais festas e procissões do país (JURKEVICS 2005).

O catolicismo venha perdendo gradativamente espaço para outras religiões como a protestante e pentecostal, bem como a de matriz africana (BURITY, 1997), (FERNANDES, 1982), (STEIL, 2001). Porém, sabe-se que como tradição ressignificada imposta pelo ideal colonizador português, o país mantém vivo no seu cotidiano, os ritos católicos em espaços sagrados. Festas, procissões e celebrações nas cidades acontecem orientadas pelo calendário litúrgico para o louvor aos santos padroeiros ou que possuem um grande apelo popular.

Na análise das festas das cidades mineiras, Guimarães (2011) menciona que “vários municípios e arraiais comemoram o seu santo padroeiro e o santo de maior aceitação popular do local em datas diferenciadas” (p. 17). Essa realidade pode ser importada para as cidades sergipanas analisadas no artigo. Em São Cristóvão as homenagens Nossa Senhora da Vitória padroeira da cidade, acontecem no mês de setembro e do Senhor dos Passos dentro da Quaresma. Na cidade de Divina Pastora existem duas padroeiras (a oficial e a não-oficial). Ambas são comemoradas no mês de outubro: Nossa Senhora Divina Pastora e Nossa Senhora do Rosário, respectivamente.

É fundamental mencionar que, por todo o território nacional, seja em grandes cidades ou médios e pequenos povoados, existe uma variedade de festas, procissões e devoções aos santos, beatos e padroeiros das cidades. Sempre com sua celebração anual e culto dentro das capelinhas, onde atrai a população urbana e rural para o ritual de adoração. De acordo com Steil (2001), no Brasil há uma infinidade de círculos locais em torno de santuários e vilas que possuem seus santos padroeiros.

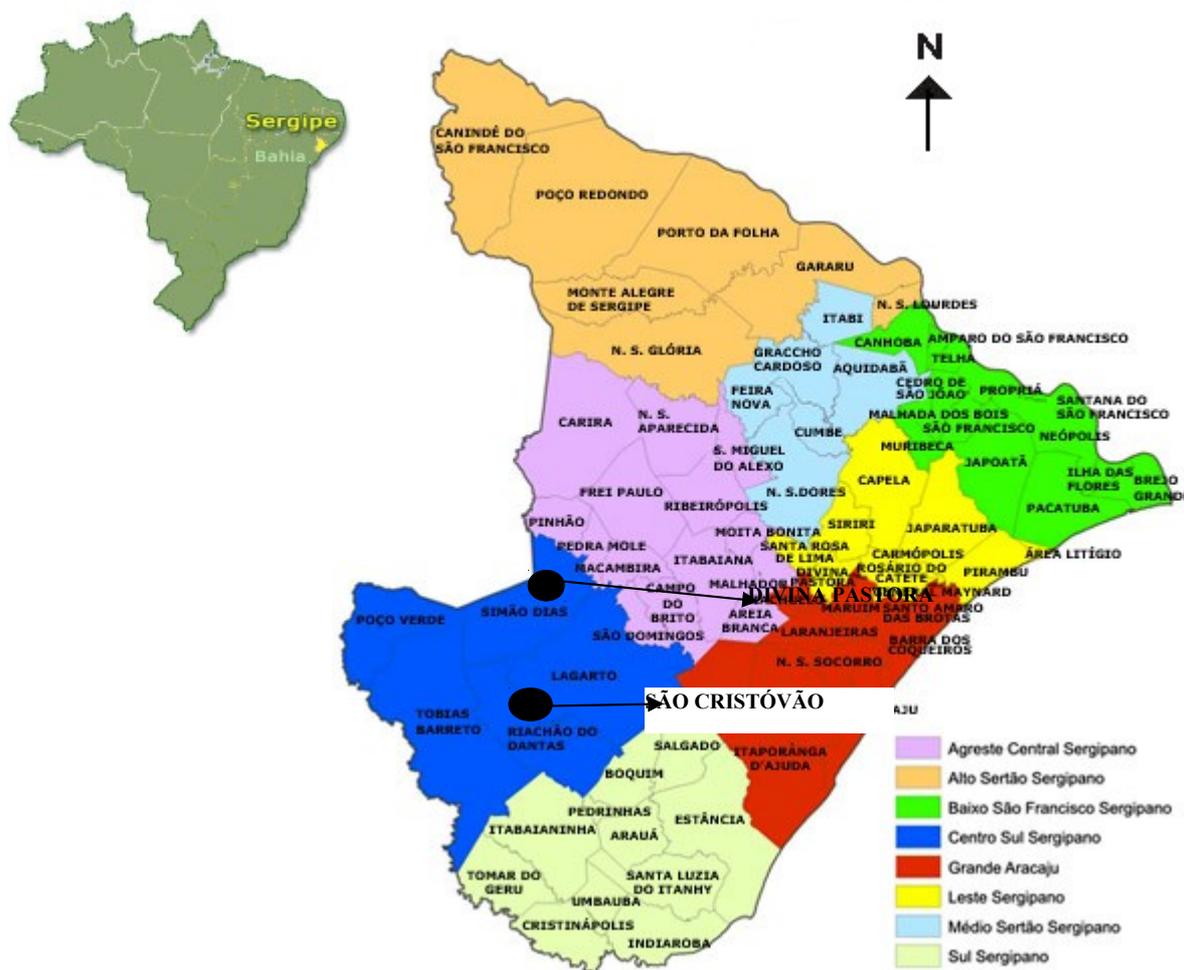


Figura 1 – Mapa de Sergipe com Destaque para os Dois Pólos do Turismo Religioso
 Fonte: Agência Sergipana de Notícias

Esse presente artigo está centrado em dois pólos religiosos no estado de Sergipe: as cidades de São Cristóvão e Divina Pastora (ilustração 1). Através da pesquisa bibliográfica com aporte teórico sobre Turismo em Andrade (2002), Trigo (2010), Turismo Religioso em Abreu e Coriolano (2003), Giovaninni Júnior (2001), Maio (2006), Oliveira (2004, 2005), Religiosidade Popular em Fernandes (1982), Steil (2001, 2003), Identidade em Burity (1997, 2002), Hall (2003), Cultura em Geertz (1989), Laraia (2001), Espaço em Rosendhal (2002, Sagrado e Profano em Eliade (2008), Durkheim (1991), Festa e Procissão em Almeida (2002), Jurkevics (2005), Martins e Leite (2006) e a pesquisa de campo com observação direta. Esse estudo objetiva mostrar a realidade sobre o turismo religioso em Sergipe, a partir da realidade desses dois exemplos; e averiguar o perfil da demanda em ambos os acontecimentos festivos.

O primeiro local é o centro antigo de São Cristóvão, localizado na área da grande Aracaju com a festa ao Nosso Senhor dos Passos, uma comemoração dos Passos da Paixão. E a cidade de Divina Pastora que está inserida na região do leste sergipano, onde acontece a peregrinação dedicada a Nossa Senhora Divina Pastora. Uma invocação de dos mais de cem papéis e momentos da biografia mariana (MEGALE, 2008). São lugares que, em datas específicas, são realizadas as festas para comemorar as dores do Nazareno e sua Mãe, bem como a figura da Mãe que cuida do seu rebanho.

Com o estudo ficou constatado que como espaços onde são dadas uma sacralidade ao menos temporariamente, o perfil da demanda das pessoas que se deslocam para essas duas localidades, se caracteriza muito mais pela dor e sofrimento, no pedido para receber uma graça/cura ou realizar uma promessa, do que pelo prazer de viajar.

Análise do Turismo Religioso

A viagem antes de ser de cunho geográfico, cultural ou social, é uma jornada do indivíduo consigo mesmo, o que por si só se justifica como experiência fundamental na vida das pessoas (TRIGO, 2010). No turismo religioso essa experiência torna-se mais evidente, visto que o peregrino/romeiro/turista, está quase sempre envolvido com os aspectos emocionais que o sagrado pode proporcionar. O que move as pessoas para os locais e eventos religiosos é o sentimento de melhores condições físicas e psíquicas, o recebimento de uma graça, cura de doença ou pagamento de promessa, nesse sentido, a viagem não é o fim, é um meio para alcançar a imagem de veneração e realizar a súplica.

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos e formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo o lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca; ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional (GEERTZ, 1989, p. 143).

Há autores como Oliveira (2005), que defende a ideia do turismo religioso como

um retorno do indivíduo para dentro de si, “e por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicional ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade” (p. 339). De acordo com Martins e Leite (2006), as celebrações de cunho sagrado dão instrumentação de identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando muitas vezes, a recuperação da própria identidade.

Além de celebrar momentos especiais, as festas e procissões da igreja católica “revelam a essência fundante do respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (JURKEVIKS, 2005, p. 1). Reforçando ainda, o caráter identitário da sociedade a qual elas fazem parte.

Na última década tem ocorrido uma intensificação dos agentes sociais se deslocando e conseqüentemente as suas identidades. Nesse sentido, as religiões têm assumido o papel de promotoras de idéias no campo social, político e cultural, criando assim, dois paradigmas antagônicos: com a globalização, surgiram movimentos a favor da diluição da identidade do indivíduo; porém na contramão, despontaram ações no sentido inverso: as sociedades, procurando cada vez mais, as suas diferenças. Para Hall (2003, p. 14), “o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa. Está sendo constantemente transformada pela cultura”. Com a multiplicação dos processos de significação e de representação cultural, o indivíduo se confronta com um número antes imaginável de identidades, com as quais ele se identifica, ao menos temporariamente.

No Brasil, as mudanças sociais desencadeadas pós anos 70 do século passado deram a possibilidade de surgirem novos movimentos religiosos mais politizados e engajados com os grupos minoritários. Segundo Burity (1997, p. 149), vão nascer nesse contexto, [...] “a Igreja popular (de matriz católica), a pastoral ecumênica e o movimento evangélico (de matriz protestante)” [...]. Nesse bojo “surge o militante cristão dos anos 80. Ligado ao associativismo urbano ou rural, ao movimento estudantil, sindical, de mulheres, de negros, de índios etc” [...] buscando articular “fé e vida, evangelho e responsabilidade social”. A religião e os seus participantes tornam-se engajados e ativos nas questões que dizem respeito à comunidade, transformando a religião em um canal de reivindicação dos direitos humanos e contra o sistema

capitalista opressor.

Se “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”, “[...] ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2001, p. 46). É de supor que, as grandes transformações pelo qual o mundo (inclusive o Brasil) tem passado com as mudanças no processo histórico-político, refletem no meio e no indivíduo. Se a cultura do homem perpassa por fatores psicológicos que guiam o comportamento do indivíduo e seu grupo (GEERTZ, 1989), a religião é um dos fatores de identificação. Ela corrobora em fazer o homem como ser social se sentir aceito dentro do grupo ao qual pertence.

Em outro estudo, Burity (2002) afirma que o interesse pela identidade, diz respeito à percepção dos atores de que, seu lugar no mundo, passa por investimentos simbólicos, pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade. Além disso, num mundo globalizado, o diferencial entre os grupos, instituições e indivíduos passa cada vez mais fortemente pela cultura, de forma que esta se torna uma perspectiva obrigatória de discussão do que são e para onde vão as sociedades contemporâneas.

A variedade das funções envolvendo o sagrado promove os diversos sentidos dentro de uma mesma doutrina. Transformando a religião, muitas vezes, em uma agente cultural, a partir do intercambio entre os grupos e possibilitando a interação das pessoas de diferentes regiões. Por essas questões anteriormente analisadas Maio (2006, p. 303), defende que “é possível identificar a magnitude do turismo religioso no mundo. [...] para a grande maioria das pessoas que peregrinam a pontos devocionais, o deslocamento constitui-se como um fenômeno cultural”. Essa função sociocultural da religião católica propicia perceber as diferentes visões feitas pelos adeptos, onde as exteriorizações das práticas de cunho sagrado ganham destaque nos locais de peregrinações, romarias, festas e procissões em devoção aos santos padroeiros e as figuras de Jesus e Maria.

As diferentes percepções acerca do sagrado e do deslocamento aos centros religiosos são atraentes para a atividade turística. Dessa forma, as características do turismo religioso se modificam de acordo com o lugar, distância e intenção da viagem.

No sentido de entender os fatores motivacionais e psicológicos que agem em fazerem as pessoas se deslocarem as cidades, procissões, lugares e templos sagrados, o fluxo de pessoas encaixadas neste segmento é sempre palco de polêmica. A discussão se instala na medida em que, muitas vezes, o viajante dessa modalidade, nem sempre usa os equipamentos e estrutura turística do lugar visitado ou não deixa dinheiro para fomentar à economia da cidade.

Porém, como questionar o afluxo de pessoas ao santuário de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo, ao caminho de Santiago de Compostela na Espanha, a cidade de Fátima em Portugal, Lourdes na França ou mesmo a viagem a Jerusalém no Oriente Médio? Os acontecimentos e lugares sagrados da religião católica se revestem de um caráter multifuncional, bem como polissêmico, dificultando estabelecer fronteiras precisas de classificação sobre a demanda deste segmento. Segundo dados do Vaticano, atualmente, são 200 milhões² de pessoas que fazem turismo religioso católico ao redor do globo. Essa heterogeneidade proporcionada pelo turismo religioso cria categorias para o perfil dos visitantes. Embora, como menciona Rosendhal (2002, p. 14), qualquer “que seja a localização do espaço sagrado, a população, atraída em busca de satisfação espiritual e material, apresenta características singulares e repetitivas em seu comportamento”.

Viajar implica em quebra de rotina, possibilitando ao indivíduo em trânsito experienciar momentos de prazer, de satisfação, diversão e conhecimento aos locais visitados. Esse paradigma comportamental não abrange à população flutuante em sua totalidade. Sob o ponto de vista do turismo religioso, viajar a lugares sagrados por compromisso com o santo ou padroeiro em questão, põe o turismo religioso numa categoria à parte dos segmentos turísticos. Quase sempre o local da viagem das pessoas enquadradas neste segmento são lugares já conhecidos, não implicando em um deslocamento para busca do novo. Para Abreu e Coriolano (2003, p. 84), “o que o romeiro busca é a satisfação espiritual, o místico, daí porque, na maioria das vezes, essa viagem caracteriza-se como um ato de renúncia e sacrifício”.

Ainda segundo as autoras, o deslocamento do seu entorno habitual é a única semelhança entre o romeiro e o turista simpático a religião que professa.

² Fonte: Globo *News* Documentário – Turismo Religioso, exibido nos dias 08 e 09 de outubro de 2011.

A viagem para o romeiro é a satisfação espiritual da busca do místico, sendo na maioria das vezes um ato de sacrifício. [...] Para o turista, é uma procura de satisfação religiosa mais do que prazer material [...]. O turista religioso conjuga na viagem o prazer com a fé, mas a motivação maior é o prazer de viajar, conhecer coisas e lugares novos (ABREU; CORIOLANO, 2003, p. 79).

Steil (2003) em sintonia com o pensamento anterior, também percebe que, os turistas que escolhem uma romaria como viagem de passeio, “[...] formam hoje uma nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios ao universo laico das viagens do século XIX do que ao universo místico das peregrinações” (p. 255). Verificando que, na experiência das pessoas que frequentam um local sagrado, festa ou procissão religiosa, é plausível perceber interfaces entre romeiros, peregrinos, devotos, promesseiros, penitentes e turistas. Ora mesclando e se confundindo, ora reforçando as diferenças, de forma a deixar as claras suas motivações e os seus comportamentos. Ou seja, a [...] “análise dos comportamentos ou das motivações não nos oferece indicadores capazes de demarcarem uma linha de fronteira entre turistas e peregrinos” (STEIL, 2003, p. 250).

Nesse contexto conclui-se que todo romeiro/peregrino é turista, visto que, a viagem implica em um deslocamento para um local fora do seu costume habitual e, obriga o viajante, em certa medida, utilizar algum tipo de transporte (salvo quando o deslocamento é feito a pé); algum equipamento de hospedagem (exceto quando pernoitam ao relento ou em casas de apoio); e quando usam algum equipamento de restauração alimentar (porém na experiência da romaria/peregrinação, muitos partícipes trazem suas comidas ou recebem da organização do evento lanche e água para se manterem no local da festa).

Nem todo turista é romeiro/peregrino, sendo que a visita a lugares e igrejas sagradas, pode estar atrelada a conhecimento cultural, observação, curiosidade e, diferentemente das ações constatadas anteriormente, usufruto de toda estrutura turística que a cidade/local tem a oferecer. Essa observação do “outro” com suas práticas devocionais é um atrativo à parte dos visitantes que não se enquadram como devotos. Eles não se vêm vivenciando uma experiência pessoal, mas se colocam como [...] “observador externo na qualidade de turista, frente a uma experiência vivenciada por

outros e que se torna objeto de admiração” (STEIL, 2003, p. 254).

Nesses acontecimentos, o fiel pode expor a sua devoção tornando-a pública, renovando os votos em favor do sagrado, bem como, possibilita o indivíduo sair dos afazeres cotidianos, promovendo momentos de louvor, êxtase e fruição. Dessa forma, as festas religiosas de caráter devocional, penitencial e de pagamento de promessa, são capazes de deslocar e agregar pessoas solidárias em torno de um espaço para render louvor a um santo comum a todos.

O homem consagra o espaço porque ele sente necessidade de viver em um mundo sagrado, de mover-se em um espaço sagrado. O homem religioso, dessa maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce (ROSENDHAL, 2002, p. 15).

A viagem para o religioso, sem anular a dimensão cultural, está muito mais envolta nos aspectos supra-sensoriais visando o preenchimento espiritual, do que a valores profanos de lazer e diversão. Visitar locais sacros perpassa por entrar em uma dimensão que diz respeito a uma aproximação com Deus. Para o devoto que faz uma viagem aos locais santos, a experiência nesses lugares torna-se primordial, visto que o [...] “o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia” (ELIADE, 2008, p. 26).

A idéia de que existem espaços sagrados e que pode existir um mundo no qual as imperfeições estarão ausentes, conduz o homem a suportar as dificuldades diárias. O homem não somente suporta as infelicidades da vida, como também é conduzido a imaginar realidades mais profundas, realidades mais autênticas que aquelas que seus sentidos revelam (ROSENDHAL, 2002, p. 14).

Estes espaços podem estar nas grandes metrópoles urbanas, em basílicas, santuários, em médias e pequenas cidades com suas igrejas, em zonas rurais através de capelas e passos com os altares em louvor ao santo de devoção. Eliade mostra que sob o ponto de vista sacroprofano, entre o espaço interno da igreja (forte e significativo) em contraposição ao espaço da rua (desestruturado e amorfo), encontra-se o limite “[...] que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso” (2008, p. 29). Os vários significados dos espaços para o turismo religioso católico possibilitam diferentes análises de um mesmo fenômeno

contemporâneo: o deslocamento para ver a festa de santos padroeiros ou de conhecer cidades santuários.

“A Festa da Dor”: Nosso Senhor dos Passos

A cidade de São Cristóvão está localizada há 26 km da capital Aracaju. Por já ter sido criada em 1590 com o estatuto de cidade, ficando respectivamente atrás de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa (antiga Filipéia de Nossa Senhora das Neves), ela é considerada cidade mais antiga do Brasil. O perímetro pertencente ao estado de Sergipe, na região nordeste do Brasil e está inserida no Pólo Costa dos Coqueirais³.

São Cristóvão desenvolveu-se como núcleo urbano, à medida que a região progrediu com a produção de açúcar através das fazendas de engenho espalhadas por todo o território. A cidade foi sede da Província de Sergipe Del Rey até 17 de Março de 1855, quando a capital é transferida para o povoado de Santo Antonio do Aracaju (NUNES, 2007). Sob muitos protestos, os habitantes de São Cristóvão não aceitaram a medida do Dr. Inácio Barbosa, então Presidente da Província.

Anualmente, em São Cristóvão, sempre no segundo final de semana após o Carnaval,⁴ acontece a celebração à Nosso Senhor dos Passos (ilustração 2). Com elementos do catolicismo barroco português transferido para o Brasil, a citada festa tem o caráter piedoso, penitencial e processional. Nos dois dias em que ela acontece, os últimos momentos da via dolorosa de Jesus são lembrados através da imagem do Senhor dos Passos, atraindo pessoas em romaria⁵ de vários lugares do estado e do Brasil, em devoção a Jesus Cristo sob essa invocação.

A festa é o período ápice para a externalização dos sentidos, das emoções, mas torna também visíveis fatores ligados à vida profana. Para Bittencourt Júnior (2007), a Procissão do senhor dos Passos em São Cristóvão,

³ O Pólo Costa dos Coqueirais foi criado pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste-PRODETUR/NE. Junto com o Pólo Sertão das Águas, Serras Sergipanas, Velho Chico e dos Tabuleiros formam as cinco regiões turísticas do estado sergipano.

⁴ A festa é celebrada 17 dias após o Carnaval dentro do período da Quaresma.

⁵ Peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado santo seja para pagar promessas, agradecer ou pedir graças, ou por devoção.

[...] vai além dos limites sagrados e transforma-se no palco onde são encenadas as mais diversas e mundanas manifestações sociais. Além dos devotos, penitentes e promesseiros, participam da comemoração políticos, vendedores ambulantes, pesquisadores, professores e estudantes, até os curiosos sem nenhum propósito, nesse contexto, a festa se caracteriza por diversas manifestações de caráter sacroprofano (p. 4).



Figura 2 – Imagem da Procissão do Encontro na Festa ao Nosso Senhor dos Passos
Foto: Marcio Garcez

Com a referida celebração, a cidade de São Cristóvão relembra os últimos passos do Senhor em direção à cruz. Há mais de cem anos na cidade, os últimos momentos da vida de Cristo - os mais dolorosos - são rememorados. Santos e Nunes (2005, p. 98), discutem a origem da procissão ao Senhor dos Passos, informando que, “ainda no século XIX tornou-se uma das principais manifestações religiosas de Sergipe, conseguindo aglomerar fiéis devotos de diferentes segmentos sociais e de várias partes da antiga província”. De acordo com Fragata (2006, p. 22), “não é possível datar com exatidão o início da maior romaria de Sergipe, os indícios acenam que tudo começou no final do século XVIII ou início do XIX”. O período do início do evento também é citado dentro da centúria dos dezenove por Bittencourt Junior (2003, 2007) e Santos (2006).

O ritual católico é iniciado a partir da sexta-feira à noite, onde os fiéis rezam o Terceiro Ofício da Paixão seguido de uma missa. A primeira procissão noturna, acontece no sábado com cânticos ligados aos passos da Paixão e com paradas realizadas sempre em pontos estabelecidos, mantidos segundo a tradição da festa. Nestes locais,

são erguidos pequenos altares representando o passo a ser entoado pelos cantadores sempre em latim.

Almeida (2002, p. 27), menciona que [...] “a procissão é o começo e o fim de tudo, é o verdadeiro ponto de festejos ao santo. É o momento da festa em que os fiéis estabelecem o diálogo com o santo padroeiro”. No Brasil Colônia a procissão era uma das expressões mais suntuosas da religiosidade, “sendo vista como fenômeno urbano e rural expressando coesão e diferenciação social” (NUNES 2003, p. 4).



Figura 3 - Imagem de Roca representando
Nosso Senhor dos Passos

Fonte: Blog Coisas de São Cristóvão

Neste dia, o cortejo da Procissão do Depósito sai da Igreja de Nosso Senhor dos Passos carregando a imagem de Jesus para a Matriz de Nossa Senhora da Vitória. A escultura de roca,⁶ confeccionada em madeira talhada e policromada (ilustração 3), é transportada dentro de uma caixa encoberta por um pano roxo⁷ onde permanece até o

⁶ A maioria das imagens de Roca tem a função processional, foram confeccionadas em tamanho natural, algumas tendo olhos de vidro. Muito utilizadas no período do Brasil Colônia, serviam para dar dramaticidade à representação do santo, criando o movimento necessário de acordo com a cena e invocação da procissão.

⁷ Também denominado encerro.

domingo à tarde para a Procissão do Encontro. As pessoas seguem em silêncio, algumas vestindo túnicas pretas, roxas e brancas, com velas nas mãos. Muitos vão em silêncio, descalços, ajoelhados ou a pé, levam nas mãos os ex-votos,⁸ tais como, fitas, bilhetes, fotografias e mechas de cabelos.

A comemoração religiosa, mesmo sendo quinze dias após o carnaval, se utiliza dos elementos da Semana Santa. As procissões relacionadas à Semana Santa significam “a representação ordenada e harmônica de uma sociedade no encontro dos seus valores e sua identidade mediante a reverência absoluta à tradição e ao transcendente” (GIOVANINNI JÚNIOR 2001, p.163). Na cidade espanhola de Sevilha, as procissões ligadas à vida de Jesus, são tradicionais no período da Páscoa. É possível vislumbrar “uma das mais impressionantes demonstrações de sobrevivência no mundo de hoje de rituais herdados da época barroca, onde 58 procissões oficiais percorrem as ruas da cidade, do Domingo de Ramos ao Domingo da Ressurreição” [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 1).

O clímax da festa acontece no domingo com a Procissão do Encontro, onde pelas ruas do centro antigo em percursos divergentes, as imagens processionais de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos se encontram na Praça São Francisco. É visível o registro de teatralização, emoção e fervor religioso, com pessoas batendo palmas, e chorando no encontro das imagens que representam Jesus e a Virgem.

As lágrimas na procissão dos Passos denotam ser uma representação feminina. Além de aparecer na face da imagem mariana, no sermão o destaque também é para as mulheres, as romeiras descalças e sofridas que buscam exasperadamente o consolo divino (SANTOS, 2008, p. 7).

Durante um fim de semana, a cidade de São Cristóvão torna-se um cenário para relembrar os últimos dias de agonia de Jesus mudando o cotidiano da população local, e trazendo fiéis, romeiros, penitentes, visitantes e curiosos de várias partes do estado e de outras regiões do Brasil. Segundo dados do IBGE do ano de 2011, a população estimada em São Cristóvão é de 78. 876 habitantes.⁹ O índice acima mostra a força que a invocação exerce nos devotos, tendo como espaço e tempo de convergência a cidade de

⁸ Objetos referentes às promessas feitas ou por graças alcançadas pela interseção de Jesus, Maria ou outro Santo.

⁹ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 25 de março de 2011.

São Cristóvão no período da Festa de Nosso Senhor dos Passos.

Maria: A Mãe Pastora

A cidade de Divina Pastora dista 39 km da capital Aracaju e se encontra na zona canavieira no leste do estado sergipano. O município faz parte da região Pólo dos Tabuleiros do vale do rio Cotinguiba. O aglomerado urbano surgiu como paróquia em 1833 e em 1836 foi elevado a categoria de vila 1836 (SILVA NIGRA, 1944). Na bibliografia sobre a gênese da cidade e construção da igreja não há menção sobre a data de sua edificação. De acordo com Silva Nigra (1944, p. 359), [...] “a origem da invocação e da própria vila estaria talvez ligada alguma antiga fazenda, ou antes, a algum engenho de açúcar”. Nesse contexto, o autor citado dá uma pista sobre o período que provavelmente o templo tenha sido construído.

Anualmente sempre no terceiro domingo de outubro acontece à festa em louvor a Nossa Senhora Divina Pastora. Com características de penitência, expiação dos pecados e pagamento de promessas, a cidade recebe peregrinos de vários locais do estado para agradecer as graças alcançadas ou suplicar a interseção de Maria no auxílio de curas físicas, psicológicas e, por conquistas, sejam de ordem física, financeira, amorosa, saúde, entre outras.

A devoção a Nossa Senhora Divina Pastora se originou na Espanha por volta de 1703. “Devido ao alegre espírito religioso pastoril da época, esta devoção propagou-se na Espanha e suas colônias na América Latina. O principal santuário da Divina Pastora é o da ilha de Trindade nas Antilhas, descoberta por Cristóvão Colombo” [...] (MEGALE, 2008, p. 184). O seu culto também chegou à Venezuela através dos Frades Capuchinhos Menores, por volta de 1778. Na América, a principal homenagem pertence ao estado de Lara na Venezuela, onde desde 1856, no dia 14 de Janeiro, uma grande procissão leva a imagem da Virgem, da cidade de Santa Rosa para a cidade de Barquisimeto.

No final de semana da peregrinação dedicada a Nossa Senhora, a grande maioria dos devotos vêm à cidade andando. Os peregrinos utilizam os transportes coletivos, seja ônibus, combes, topics, paus-de-arara para desembarcarem à noite de sábado na cidade

de Riachuelo que fica há 10 km de Divina Pastora. Durante a madrugada e toda a manhã no dia seguinte, se deslocam a pé sempre em grupos para a peregrinação da cidade da Ladeira.¹⁰

O ideal de peregrinação está presente em diferentes expressões do universo religioso, sendo uma de suas características mais marcantes e originais. Cada religião tem os seus lugares sagrados, os pontos de convergência dos fiéis que demarcam a identidade de cada denominação religiosa (SANTOS; ANDRADE JÚNIOR, 2009, p. 58).

Durante o trajeto entre as duas cidades é possível observar pessoas descalças, andando sob o sol forte vestido túnicas e trazendo objetos de ex-votos para o ritual de desobriga¹¹ no cruzeiro da entrada da cidade. A festa em honra a Nossa Senhora Divina Pastora é um acontecimento religioso que, ao atrair uma multidão de pessoas para expressar sentimentos de devoção, penitência e piedade, torna-se um fenômeno social que põe a solidariedade em evidência (ilustração 4). O evento faz as pessoas terem noção de pertencerem e compartilharem a uma mesma religião. Através dos aspectos relacionados à dimensão sacra, “os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum” (DURKHEIM, 1991, p. 28).



Figura 4 – Imagem da Missa Campal na Festa a Nossa Senhora Divina Pastora

¹⁰ Nome como era conhecida à cidade de Divina Pastora.

¹¹ Prática de depositar os objetos referentes à graça/cura alcançada.

Fonte: Portal Infonet

A Igreja Matriz de Divina Pastora é um santuário para pagamento de promessas. Durante o dia são realizadas confissões na igreja matriz e procissão com uma cópia da imagem esculpida da Virgem Pastora mais colorida confeccionada para o rito público e, ao final da tarde, uma missa campal. A procissão sai da igreja Matriz percorre as principais ruas da cidade finalizando no Cruzeiro na entrada da cidade, onde pelo mesmo trajeto, retorna ao templo religioso. A imagem original encontra-se fechada em uma redoma de vidro no grande altar da Igreja Matriz (ilustração 5).

Megale (2008) que estudou sobre as mais de cem representações de Maria no Brasil, faz uma alusão à imagem de Nossa Senhora Divina Pastora em Sergipe ao comentar que:

A preciosa escultura que figura sobre o altar-mor, está muita bem conservada dentro do bonito nicho e merece particular atenção pela delicadeza de sua concepção artística, pois representa Nossa Senhora sentada sob uma árvore carregada de frutos tendo ao colo o Menino Jesus brincando com os cordeirinhos que o cercam. No altar dois anjinhos junto à Virgem [...] (MENGALE, 2008, p. 186).



Figura 5 – Imagem da escultura policromada representando N. S. Divina Pastora

Foto: Ivan Rêgo Aragão

Não é possível datar o início das homenagens à Nossa Senhora Divina Pastora em Sergipe. Os meios de comunicação creditam a origem da peregrinação/festa há mais de cinquenta anos:

A maior peregrinação do Estado começou em 1958 quando sob a conduta do padre Luciano Duarte, então arcebispo de Aracaju, cerca de 50 jovens do grupo da Pastoral Universitária da Faculdade de Filosofia de Sergipe começaram uma longa caminhada ao município de Divina Pastora, e desde então, a fé de romeiros e devotos não parou mais.¹²

A cidade de Divina Pastora que possui uma população de 4.326 habitantes,¹³ no dia da festa recebe aproximadamente 100.000¹⁴ pessoas entre promesseiros, penitentes, devotos, suplicantes, autoridades e observadores. A tradicional peregrinação à cidade-santuário põe em destaque a força da religiosidade popular. A peregrinação em Divina Pastora ao estimular o deslocamento das pessoas à cidade promove a renovação da fé, e os sentimentos de identificação pela religião católica.

Considerações Finais

Ao observar as peregrinações em louvor ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora Divina Pastora em Sergipe, pode-se falar em um turismo religioso popular no deslocamento de indivíduos motivados pelo valor simbólico das imagens sacras. O afluxo das pessoas é revestido de necessidades espirituais, que pelo prazer da viagem em si. Ambos os locais carecem de meios de hospedagem e de restaurante (essa observação foi detectada na visita *in loco* aos dois lugares objetos de estudo). São cidades que durante o período da celebração religiosa, o fluxo de pessoas está muito mais voltado para o sacrifício e o pagamento de promessas, desobrigando a esses locais, criarem uma infraestrutura turística própria para receber o visitante.

¹² Fragmento do texto retirado do blog Sergipe em destaque. Disponível em: <<http://sergipeemdestaque.blogspot.com/2011/10/peregrinacao-de-divina-pastora-acontece.html>>. Acesso em: 13 de novembro de 2011.

¹³ Dados do IBGE de 2010.

¹⁴ Número de pessoas que participaram da edição de 2011, repassado pelos organizadores do evento.

Muitos peregrinos vêm na viagem, o início do esforço para o pagamento de promessa que deve exigir sofrimento, e nenhuma facilidade.¹⁵ Como são momentos que duram dois dias e um dia respectivamente, muitos desses romeiros trazem sua alimentação ou recebem um lanche da própria paróquia. Em ambas as festas, as pessoas recebem suprimentos e água para permanecerem nelas.

As duas cidades tornam-se espaços que se revestem de uma sacralidade no período de suas celebrações. Pelo perfil de pessoas mais simples, com baixo poder aquisitivo, foi observado que existe uma incompatibilidade com o ideal que se pensa do turismo religioso, visto que, o turístico funciona sobre a lógica econômica e do sistema de equipamentos para consumo. Porém, nos dois exemplos estudados são notórias as ações de privação, desapego. Buscando no ideal do sofrimento do Cristo, dor e proteção da sua Mãe, alento para um cotidiano de dificuldades próprio do homem que vive na região rural do agreste e semi-árido sergipano.

O simbolismo e a representatividade que envolve o sagrado fazem do turismo religioso, um segmento que busca valores que fogem a percepção do prazer de viajar como fuga do cotidiano, descanso e investimento cultural. O investimento é da ordem espiritual como possibilidade de melhoria nos campos da saúde, psicológico e financeiro. Com o estudo ficou constatado que, o perfil da demanda das pessoas que se deslocam para essas duas localidades, se caracteriza muito mais pela dor e sofrimento no pedido ou alcance de uma promessa, do que pelo prazer de viajar.

Chega-se à conclusão que, em pleno século XXI, estes acontecimentos são essenciais para a sobrevivência do homem, pois deslocam um grande contingente de pessoas no mundo promovendo momentos especiais e de sociabilidade, fé em comum, esperança, solidariedade e pertencimento. O turismo religioso está diretamente ligado a esse tipo de fenômeno social.

Referências Bibliográficas

ABREU, Tereza N. M. de; CORIOLANO, Luzia N. M. T. Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso. In: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 78-95.
ALMEIDA, Gisselma S. J. **Procissão do Madeiro**: devoção e diversão. Nossa Senhora

¹⁵ Ficou constatada com a observação *in loco* que tanto em São Cristóvão, como em Divina Pastora vários devotos vão para ambas as cidades a pé, não utilizando nenhum transporte.

das Dores (1992 - 1997). Monografia (Licenciatura em História). DHI,CECH,UFS. Nossa Senhora da Glória, 2002.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. Tese de mestrado estuda a procissão dos penitentes do Senhor dos Passos. In: **Balaio de Notícias**, edição 39, Aracaju, 2003. Disponível em: <<http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj39.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2011.

_____. Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade popular. In: **Encontro Nacional de História das Religiões / ANPUH**, Maringá, 2007. p. 1-9.

BRASIL, EMBRATUR. **Roteiros da Fé**. Arquidiocese do Rio de Janeiro, 2000.

_____. MTur. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Brasília, DF, 2008.

BURITY, Joanildo A. Cultura e identidade no campo religioso. In: **Estudos Sociedade Agricultura**. Nº 9, 1997. p. 137-168.

_____. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DIAS, Reinaldo. O turismo religioso como segmento do mercado turístico. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da. (Orgs.). **Turismo Religioso: ensaios e reflexões**. Capinas: Alínea, 2003. p. 7-37.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Tópicos).

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução as religiões populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FRAGATA, Thiago. Procissão dos passos em São Cristóvão/SE. In: VIEIRA, M. J. G. **Senhor dos Passos em todos os passos**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006.

GEERZT, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GIOVANINNI JÚNIOR, Oswaldo. “Cidade presépio em tempos de paixão”. Turismo e Religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: BANDUCCI JÚNIOR, Á; BARRETTO, M. (Orgs.). **Turismo e identidade local: uma**

visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001. Coleção Turismo.

GUIMARÃES, Airton. **Minas é uma festa!** 2. ed. Belo Horizonte: Rona, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a materialidade da fé. In: **Histórias: questões & debates.** Curitiba: UFPR, n. 43, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAIO, Carlos Alberto. Turismo Religioso e desenvolvimento local. In: TREVIZAN, Salvador D. P. (Org.). **Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local.** Ilhéus: Editus, 2006. p. 311-320.

MARTINS, Clerton; LEITE, Liliana. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar.** São Paulo: Roca, 2006.

MEGALE, Nilza Botelho. **112 invocações da Virgem Maria no Brasil: história, folclore e iconografia.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NUNES, M^a. Tétis. **A Cidade de São Cristóvão na Formação da História Sergipana: da Colônia a nossos dias.** In: Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

NUNES, Verônica M^a Meneses. **A Procissão dos passos: o ex-voto como “imagem testemunho do milagre”.** Gazeta de Sergipe. Aracaju. Ano XLVII. n^o 13239. Caderno A. Edição 15/03/2003.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso.** São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Turismo religioso no Brasil: construindo um investimento sociocultural. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia da Religião: uma Proposição Temática. In: **Espaço e Tempo,** São Paulo, n. 11, 2002. p. 9-19.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES, Verônica Maria Meneses. **Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/SE.** In: Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão. Aracaju, v. 2, jul/dez. 2005, p. 97-110.

_____. **Caminhos da penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São**

Cristóvão-Sergipe (1886-1920). Monografia de licenciatura em História. São Cristóvão: UFS, 2006.

_____. Lágrimas de dor e desolação: sujeitos e representações na solene procissão dos passos em São Cristóvão. In: **Revista do Arquivo Judiciário**, ano 1, n. 2, 2008, p. 1-10.

_____; ANDRADE JÚNIOR, Péricles Moraes. **O rebanho da pastora**: a peregrinação ao santuário de Divina Pastora-SE (1958-2008). . In: Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão. Aracaju, v. 5, nº 1, 2009, p. 57-78.

NIGRA, D. Clemente da S. Temas pastoris na arte tradicional brasileira. In: **Revista do IPHAN**, nº. 8, 1944. p. 325-361.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, V. V. (Org). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001, p. 9-40.

_____. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, 2003. p. 249-261.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A viagem como experiência significativa. In: GAETA, Cecília; PANOSSO NETO, Alexandre (Orgs.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

Recebido para publicação em setembro de 2011.

Aprovado para publicação em dezembro 2011.